



CAUSALIDADES GEOPOLÍTICAS DO CONFLITO IRÃ X IRAQUE

Edmirson Maranhão Ferreira

Se a ambiência geográfica influi sobre a psique humana, por que não sobre a política?

Embutida no universo de causalidades que explica a gênese da guerra Irã x Iraque, a qual já caminha para seu quarto aniversário, sobreexcede uma importante área de especulações no campo da Geopolítica. O Professor sueco Rudof Kjéllen foi feliz ao tentar precisar etimologicamente o campo de estudos que envolve a inter-relação entre a terra (geo) e a política (arte de governar) e busca levantar as predisposições comportamentais da política sob o impacto da base física de uma comunidade.

O perfil historiográfico da região do Golfo Pérsico — denominação rejeitada pelos árabes, os quais preferem denominá-lo de Golfo Árábico — indica um certo deter-

minismo geopolítico, conduzindo e direcionando um roteiro histórico assinalado pela presença político-militar do Irã como principal ator na movimentação internacional do Golfo. Razões geopolíticas inegavelmente contribuíram para o desempenho histórico de Teerã na região, o que lhe valeu a qualificação de gendarme do Golfo por parte de alguns analistas internacionais. A presença político-militar iraniana ocorreu na década atual, particularmente em Omã e na ocupação das Ilhas Tumba Pequena, Tumba Grande e Abumusa, as quais compõem, com as bases aeronavais de Bandar Abbas e Bandar-e Lengeh e a Ilha de Qeshm, um conjunto topotático marítimo de transcendental importância para o controle do estratégico gargalo do Estreito de Ormuz, por onde passam 60% do óleo da OPEP.

Uma das razões do conflito

apontadas por Bagdá foi a necessidade de ab-rogar o Tratado de Argel, que fixou limites no Canal de Shatt al Arab pelo talvegue, acordado este que teria sido assinado sob pressão do poderio iraniano, em 1975, segundo colocação iraquiana. Por sua vez, Teerã aponta, entre as causas do conflito, o desejo de Bagdá de obter o domínio das duas margens do Shatt al Arab, bem como pretensões territoriais sobre a rica província petrolífera do Curdistão, chamada de Arabistão pelos árabes, atitude que estaria voltada para a projeção política do grande Iraque.

Fato é que, por trás das razões políticas, estratégicas e religiosas da guerra, há um alicerce de natureza geopolítica no âmago do qual poderíamos identificar, entre outros, os seguintes princípios e postulados:

Tendência Geopolítica de Multiplicação das Saídas para o Mar ou de Expansão do Litoral Disponível.

O Iraque é um país quase mediterrâneo, pois, situado no Fundo do Golfo, dispõe de uma costa muito restrita (em torno de 50 km) em termos de possibilidades de marinhagem costeira, instalações portuárias, áreas e canais de acesso a mar aberto, etc.

O sentimento deste quadro litorâneo desfavorável gera estímulos geopolíticos para reduzir debilidades da base física, criando melhores condições para a projeção do poder naval sobre o Golfo. Para isto o domínio total do Shatt al Arab poderia ser o começo.

Por outro lado, o Irã, geopoliticamente, sente-se impelido a projetar o seu poder nacional sobre a região do Golfo não só por dominar o Estreito de Ormuz, bem como por estender a sua presença marítima até o Mar de Omã e a saída para o Índico.

O coeficiente de maritimidade:

$$(QM) = \frac{\text{Extensão do Litoral}}{\text{Extensão da Fronteira Terrestre}}$$

do Irã é expressivo e está voltado basicamente para o Golfo, do qual domina toda a margem norte, beneficiando-se fisicamente de uma excelente vantagem estratégica em relação aos demais países da área. Daí as duas posturas antagônicas e concorrentes, isto é, uma nação sente-se impelida a ampliar a sua limitada saída marítima, enquanto a outra é geopoliticamente atraída a afirmar uma supremacia sobre o Golfo.

Domínio das Costas Opostas

O elevado coeficiente de maritimidade debruçado sobre a borda oriental da península arábica estimula o Irã à conquista e à manutenção de influência política sobre as nações árabes ao sul do Golfo, Coveite, Arábia Saudita, Bahrein, Emirados Árabes, Catar, Omã.

A concepção original da criação, em 1982, do Conselho de Cooperação Econômica do Golfo, composto pelos países acima referidos, vem evoluindo para a composição de um organismo regional de segurança coletiva, cujas raízes podem ser avaliadas também em ter

mos de resposta regional a um impulso geopolítico de Teerã. Tal organismo internacional, surgido sob visão de cooperação tipicamente econômica, vem adquirindo nítidas conotações de segurança coletiva da criação de um sistema regional de defesa contra ameaças internas e externas. O possibilismo geopolítico para uns — ou determinismo geopolítico para outros — da postura política do Irã de projeção regional vem transformando o Conselho de Cooperação do Golfo num verdadeiro subsistema de defesa coletiva. Os seis países membros realizaram manobra militar conjunta em outubro último.

Controle das Grandes Rotas de Suprimentos

Mais uma vez o extenso litoral iraniano, que domina toda a margem norte do Golfo, numa extensão aproximada de 1800 km, induz a uma política de controle da importante rota do petróleo, por onde transitam 60% da produção de toda a OPEP ou o equivalente a aproximadamente 7 bilhões b/d, dos quais 250 mil destinados ao Brasil, fato que por si gera uma sensível área de preocupação para a nossa economia.

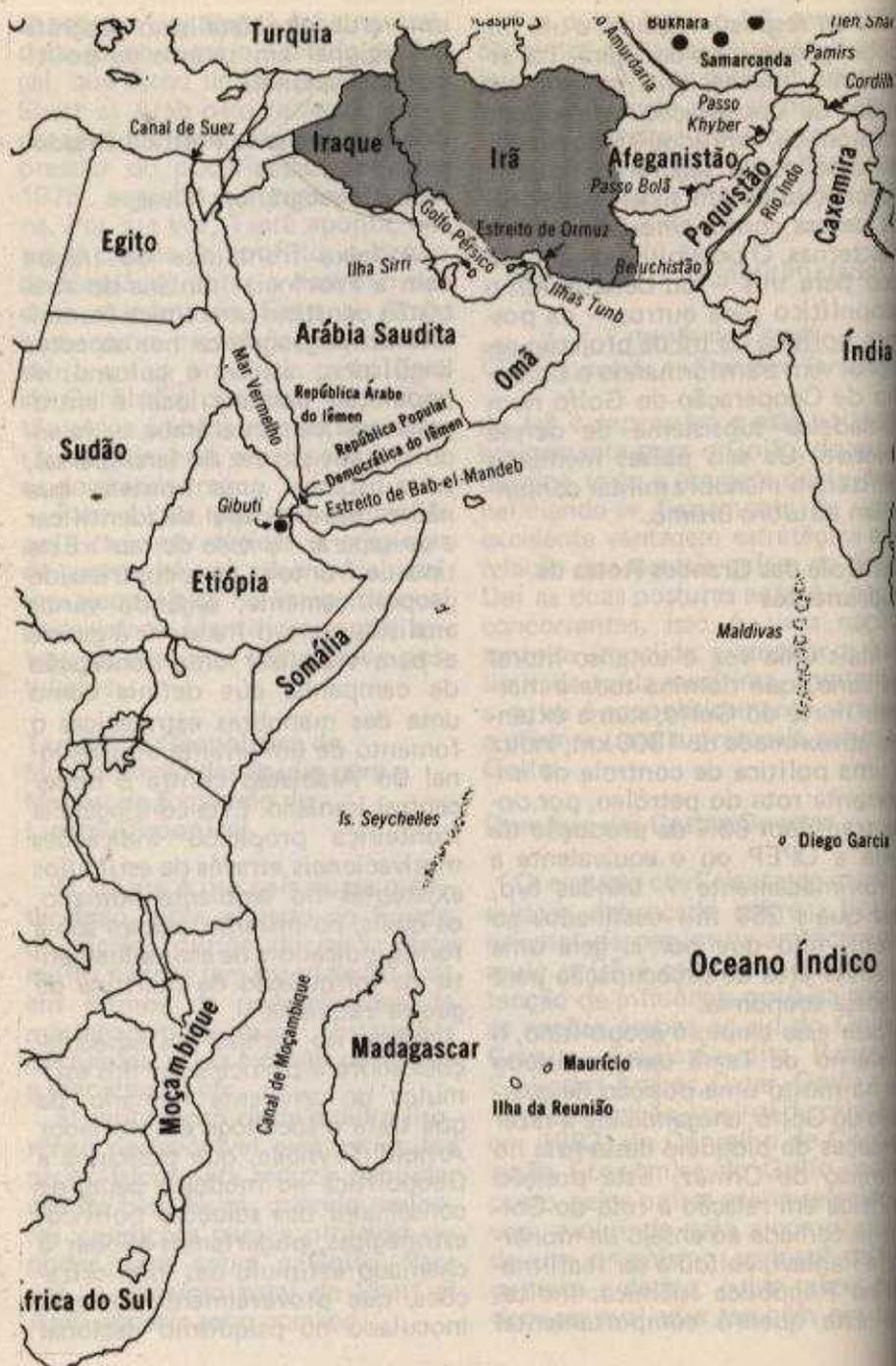
Sob esse empuxo geopolítico, o Governo de Teerã tem postulado de há muito uma posição de guarda do Golfo, chegando até a fazer ameaças de bloqueio desta rota no Estreito de Ormuz. Esta posição política em relação à rota do Golfo, já tomada ao ensejo da monarquia Pahlavi, voltou a ser reafirmada na República Islâmica. Indica-ria este quadro comportamental

um verdadeiro fatalismo geográfico regional em termos de política internacional?

Condicionamento Político Ditado pelas Fronteiras Antropogeográficas Vivas

A faixa fronteiriça do Iraque com a Província Iraniana do Arabistão constitui uma típica fronteira antropogeográfica nos aspectos lingüístico, étnico e cultural. A população iraniana local é antropogeograficamente árabe e, falando o árabe em vez do farsi (persa), consubstancia uma fronteira que não cumpre o papel de identificar e de separar "o meu do teu". Este tipo de fronteira teria contribuído geopoliticamente, segundo vários analistas, para o Iraque ir à guerra e para visualizar uma concepção de campanha que definia como uma das manobras estratégicas o fomento de um levante insurrecional do Arabistão contra o poder central iraniano. Esta contingência fronteiriça propiciou indicações motivacionais através de estímulos existentes no ambiente humano, os quais, no mínimo, agiram sob a forma indicadora de aconselhamento na formulação da doutrina de guerra iraquiana.

Ainda no campo das especulações sobre a participação dos estímulos do ambiente humano, de que trata o sociólogo e historiador Arnold Toynbee, que posiciona a Geopolítica no modesto papel de conselheira das soluções político-estratégicas, poderíamos alinhar o chamado estímulo das inferiorizações, que provavelmente se teria inoculado no psiquismo nacional



iraquiano atingido durante anos pela magnificência e aparato do poder imperial das monarquias persas.

Eis algumas meditações e ilações sobre a gênese deste conflito, em cujas raízes existe um complexo de causalidades, até mesmo provenientes do artificialismo da laboração histórica dos mapas políticos das nações da região, ou de razões religiosas e pessoais, porém onde a Geopolítica está presente e atuante. Qual a valoração dos conhecimentos Geopolíticos? Uma posição de equilíbrio indicaria reconhecimento da influência do meio ambiente sobre a política —

influência, às vezes, sem força determinística e fatalística; participação, em outros momentos, de conteúdo apenas indicador e até mesmo aconselhador de soluções. Não será prudente para um analista de Relações Internacionais afastar do painel apreciações de ordem geopolítica. Não há dúvida, entretanto, de que para os estadistas, cientistas políticos e estrategistas militares, este conflito desponta como um bom exercício intelectual para especular, avaliar e julgar sobre o valor científico da Geopolítica como conhecimento auxiliar do complexo campo das Relações Internacionais.

O Cel R/1 Edmirson Maranhão Ferreira, ex-Adido das Forças Armadas junto à Embaixada do Brasil no Irã, é analista de política internacional e conhecido defensor da tese que preconiza um Ministério da Defesa para o Brasil.